

ENSINO DE FILOSOFIA E SUAS INTERFACES COM OS ATOS DE PENSAR, ENSINAR E APRENDER

Pedro Rogério Sousa da Silva¹

Eduardo Ferreira Chagas²

Resumo:

Pesquisa-se o ensino de Filosofia e suas interfaces com os atos de pensar, ensinar e aprender. Arrimado neste intento, o escrito sob relatório é apoiado na pesquisa bibliográfica e nos trabalhos de Sílvia Gallo, Lidia Rodrigo, Fernando Savater, Gilles Deleuze e *Alejandro Cerletti*, com objetivos de investigação interpretativa, filosófica e pedagógica. Delineia-se, por essa via, a relação do ensino supracitado com o pensamento, mostrando que, no mundo contemporâneo, se faz essencial um pensamento que não seja necessariamente dominado pela técnica, mas que conduz a refletir, contemplar e demandar pontos sobre a vida. Discute-se, com efeito, o modo como o ensino ora destacado se desloca da transmissão de conteúdos filosóficos para uma transmissão pedagógica que ensina o aprendizado e trabalha com o exercício do pensamento, como também com a reflexão sobre a existência. Pesquisa-se, ademais, a relação entre aprendizagem, ensino de Filosofia e educação, mostrando que o aprendizado filosófico respeita a sala de aula, mas não se esgota nela, pois se aproxima da experiência do pensamento e de uma ação de filosofar como modo de vida.

Palavras-chave: Pensar. Ensinar. Aprender.

PHILOSOPHY TEACHING AND ITS INTERFACES WITH THE ACTS OF THINKING, TEACHING, AND LEARNING

Abstract:

This research investigates the teaching of Philosophy and its interfaces with the acts of thinking, teaching, and learning. To this end, the text draws upon bibliographic research and the works of Sílvia Gallo, Fernando Savater, Gilles Deleuze and Alejandro Cerletti, with interpretative, philosophical, and pedagogical investigative objectives. Through this approach, the relationship between teaching and thought is outlined showing, especially in contemporary times, the need for a kind of thinking that is not solely driven by technique, but that encourages reflection, contemplation, and deeper inquiry into life. The study discusses how this form of teaching moves away from the transmission of philosophical content toward a pedagogical transmission that fosters learning and engages with the exercise of thought, along with reflection on existence. Furthermore, the relationship between learning, the teaching of Philosophy, and education is explored, demonstrating that philosophical learning respects the classroom setting but is not confined to it, as it draws near to the experience of thought and to philosophizing as a way of life. Finally, it is stated that teaching Philosophy means engaging with diversity, showing that there is not a single philosophy, but multiple philosophies and, above all, the act of philosophizing.

Keywords: Thinking. Teaching. Learning.

¹ Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da FACED (UFC) e Pós-doutorando em Ensino de Filosofia sob a supervisão do Professor PhD Eduardo Ferreira Chagas na Universidade Federal do Ceará (UFC). ORCID iD: 0009-0001-3171-7253. E-mail: pedrorogerosousa08@gmail.com

² Doutor em Filosofia pela Universität von Kassel e Pós-Doutor em Filosofia pela Universität Munster. Professor efetivo (associado) do Curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE – Brasil. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da FACED (UFC) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ 2). <https://orcid.org/0000-0003-1957-6117>. E-mail: ef.chagas@uol.com.br

ENSINO DE FILOSOFIA E SUAS INTERFACES COM OS ATOS DE...

Pedro Rogério Sousa da Silva/Eduardo Ferreira Chagas

Optamos neste escrito pela área do ensino, para nela investigar a conjunção de problemas do ensino de Filosofia e suas interfaces com os atos de pensar, ensinar e aprender em razão da relevância e complexidade do tema sob escólio.

Para tal intuito, destacamos que a pesquisa parte de um problema que consiste no fato de quando tratamos do tema do ensino de Filosofia na Educação Básica ou mesmo na Educação Superior, no Brasil, somos sempre chamados a justificar sua razão. Isso decorre pelo fato de que, na história da educação escolar brasileira, o ensino de Filosofia não denota uma constância, como nos mostram os estudos a este respeito. Por conseguinte, dois argumentos justificam a presença da Filosofia na Educação Básica, em especial no Ensino Médio: possibilidade de um desenvolvimento crítico e reflexivo do aluno, assim como a garantia de uma conversação entre as diversas áreas do conhecimento.

In hoc sensu, faz-se necessário estudar o ensino de Filosofia e a formação do professor durante a graduação. Eis, por conseguinte, uma matéria urgente que os professores e alunos de tal seara de estudo precisam enfrentar.

Em expressas circunstâncias, citamos quatro perspectivas de professores de Filosofia: Sílvia Gallo (2012), Marilena Chauí (2001), Lidia Rodrigo (2023) e Fernando Savater (2001). A primeira evidencia que, historicamente, os filósofos deixam de conceder a atenção necessária aos aspectos educacionais, mormente ao ensino. A segunda exprime a ideia de que há uma cobrança dos meios de propagação coletiva e dos governos neoliberais no Brasil sobre o curso de Filosofia, destacando que esse não contribui para a produtividade mercadológica do País. A seguinte perspectiva ressalta que a necessidade de se estudar as reformas educacionais contemporâneas e seus influxos para a licenciatura de Filosofia. A quarta - a derradeira - ressalta que o ensino de Filosofia para os jovens é importantíssimo, pois, com amparo nos grandes temas, como a liberdade, a finitude, a epistemologia, a beleza, a ética etc, é dado se resgatar o espírito investigativo, a ação de pensar, a diversidade, os atos de ensinar e aprender no mundo contemporâneo.

Com arrimo nessas modalidades de pensar, em especial da última linha reflexiva (de Fernando Savater), ressaltamos que a Filosofia é uma modal de saber da humanidade, que tenta dar conta das “questões de fundo”, ou melhor, das “perguntas da vida”. Essas indagações são aquelas que nos fazem pensar e nos obrigam a demandar pelas respostas,

ENSINO DE FILOSOFIA E SUAS INTERFACES COM OS ATOS DE...

Pedro Rogério Sousa da Silva/Eduardo Ferreira Chagas

como é o caso dessas perguntas: o que significa pensar? O que é o diverso? O que é o ensino? O que significa aprender? etc. Por conseguinte, a Filosofia não se volta, como sucede na ciência, para o funcionamento das coisas, mas se interessa pelo sentido e fundamentos da humanidade. Essa preocupação, portanto, tem relação com o *métier* do educador, do filósofo e do professor de Filosofia.

Ademais, impende evidenciar que o ensino sob comento neste ensaio considera que a Filosofia trabalha com o pensamento e que, para pensar, se impõe escutar, pois é mais interessante ficar com as indagações do que com as respostas. A pergunta filosófica, todavia, é peculiar e diferente das empregadas nas demais e múltiplas sendas do conhecimento, como, *exempli gratia*, uma pergunta na Matemática é diversa da indagação que se emprega na Filosofia, pois, se há um problema e não conseguimos resolvê-lo, a perquisição se faz um problema, e seu procedimento matemático cai por terra. *Contrario sensu*, na Filosofia, o problema não precisa ser solucionado, mas impõe-se que seja refletido. Para a Filosofia, em muitos casos, é mais interessante ficar com os questionamentos do que com as soluções.

In alia manu, o ensino de Filosofia na Educação Básica é importante, porque esse conhecimento é capaz de fazer com que a Escola seja, como diz Deleuze, um platô, ou seja, um campo de possibilidades para aquilo que, muitas vezes, não tem importância. Parafraseando Manoel de Barros (2019), ressaltamos que “Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma e que você não pode vender no mercado como, por exemplo, o coração verde dos pássaros, serve para a **Filosofia**”. [grifamos].

Por esse motivo, ressaltamos que a escola deve operar com a noção de *Scholê*, pois essa significa tempo livre. Ela não nasceu como lugar para aprender uma habilidade ou uma competência, como no caso da BNCC, mas aflorou feita um *locus* para perder tempo e dedicar-se às coisas que não estão sob o regime da produtividade, como leitura, escrita, Filosofia, poesia ou ludicidade.

Então, destacamos aqui o porquê da Filosofia na Educação Básica: esse modo de pensar, que nasceu na Grécia e que tem Sócrates como patrono, ajuda a escola a perceber que ela é uma instituição não apenas para ser utilitarista, como no caso das avaliações em larga escala ou da formação tecnicista. A escola, porém, é passível de ser um lugar para “perder tempo”, a fim de pensar elementos que não servem para o utilitarismo, como a amizade, a leitura, a beleza, a reflexão, o pensamento filosófico, a sensibilidade e a contemplação.

ENSINO DE FILOSOFIA E SUAS INTERFACES COM OS ATOS DE...

Pedro Rogério Sousa da Silva/Eduardo Ferreira Chagas

Heidegger (1959), em seu livro **Serenidade (Gelassenheit)**, denota que o ser humano atual está em fuga do pensamento, haja vista que, na era da técnica ele se identifica com o domínio contemporâneo do pensamento calculador (*das rechnende Denken*), como também com os números e/ou com os resultados. Nesse domínio, entretanto, não há reflexão ou mediação acerca do que serve como estrutura a esse homem pensante. Com efeito, evidenciamos que há no mundo contemporâneo a urgência por um pensamento que não seja o simples cálculo ou o de ordem instrumental, mas um pensamento problematizador, que sabe refletir, contemplar e demandar por compreensões acerca da vida.

Como contraposição ao pensamento calculador, se faz necessário recobrar o conceito de *paideia*, pois esse significa formação integral, educação e cultura, mas também humanização, pois o simples fato de o ser humano existir não faz dele humano, pois, segundo L.S. Vygotsky, o ser mencionado é um ser social e que não nasce humano, mas vai se humanizando com o tempo, com o outro e com as condições necessárias para o seu desenvolvimento

Ressaltamos, neste passo, que o pensamento no ensino de Filosofia não refuta a técnica, pois essa é necessária à vida do ser humano na atualidade. A técnica, todavia, não é meio razoável para que o ser em questão realize suas melhores ações, pois ser humano não é um dominador da natureza, como expressam Adorno e Horkheimer na **Dialética do esclarecimento (Dialektik der Aufklärung)**, mas alguém que precisa ser solidário, sensível, cuidador da natureza, de si e do outro, em especial, dos grupos mais vulneráveis.

Daí a necessidade de pensarmos a outra face do mundo técnico que é a “ética do cuidado”, como exprime Leonardo Boff (1999). Esta ação de cuidar do mundo corresponde a outra relação com a natureza, a arte, o outro e com o ensino, pois não configura um pensamento orientado pelos resultados ou por uma educação competitiva, mas pelo exercício do pensamento ou por uma educação como processo de orientação do real, da beleza, do problema filosófico, do acolhimento, da gratuidade e da liberdade.

Sob o viés dessa educação para a liberdade, pensamos o papel do professor de Filosofia. Deleuze, na famosa entrevista concedida à Claire Parnet e divulgada sob o nome de **L'Abécédaire**, ressalta que a função do docente é conduzir o estudante a encontrar a própria solidão, ou seja, que ele depare o próprio caminho ou reencontre o conhecimento, em especial com o filosófico. Com este desiderato, consideramos que impende situar-se o ensino no

ENSINO DE FILOSOFIA E SUAS INTERFACES COM OS ATOS DE...

Pedro Rogério Sousa da Silva/Eduardo Ferreira Chagas

mesmo patamar das outras atividades acadêmicas, como pesquisa, extensão, os colóquios, congressos e trabalhos midiáticos.

Acerca desses trabalhos, assinalamos que Deleuze não foi um filósofo da mídia, consoante o foram Foucault ou Sartre, mas alguém que se identificou em relação ao magistério. Sob esse prisma, o Filósofo acentua, em seu livro **Conversações (Pourparlers)**, que “As aulas foram uma parte de minha vida, eu as dei com paixão. Não são de modo algum como as conferências, porque implicam uma longa duração, e um público relativamente constante, às vezes durante vários anos”. (Deleuze, 2007, p. 173).

Além disso, assinalamos que a filosofia aristotélica, sobretudo da obra a **Metafísica**, a qual explica, logo no início, no livro 1 (*alfa*) que “Todos os homens por natureza propendem ao saber” (2002, p.9). Isso é uma característica da condição humana: somos seres curiosos por natureza e que procuramos o conhecimento. Em razão disso, no ofício de professor de Filosofia, o seu docente deve pensar nos meios propícios a aproveitar essa condição humana, qual seja, todo ser humano deseja aprender. Uma pergunta desafiadora, entretanto, aflora para o professor: - **Como ensinar?**

Nessa direção, é fundamental que o estudante de Filosofia seja um amante do saber e que intente conhecer a realidade. Daí a importância da formação do docente de Filosofia. Assim, a nós é dado inquirir: - **como as instituições de Educação Superior podem formar professores de Filosofia?** Uma das perspectivas de Filosofia da Educação que consideramos razoável, para esse contexto, está numa observação de Heidegger: “Ensinar é deixar aprender” (1992, p.79).

Eis aqui uma tarefa para o professor de Filosofia: romper com a transmissão de ensino dos filósofos, a fim de que seja possível se propiciar as condições para os alunos aprenderem e exercitarem sua capacidade de pensar, por exemplo, sobre sua existência. É uma estratégia paradoxal. Em lugar de querer ensinar e produzir resultados de aprendizado, como as avaliações em larga escala, o interessante é possibilitar o convite à Filosofia, ou seja, é criar condições para que o estudante aspire a aprender.

O professor, como os artistas, ademais, provoca o amor pelo conhecimento, uma atitude amorável que já existia em nós, mas que estava adormecida. Por essa via, pontuamos

ENSINO DE FILOSOFIA E SUAS INTERFACES COM OS ATOS DE...

Pedro Rogério Sousa da Silva/Eduardo Ferreira Chagas

o argumento de que o professor de Filosofia deve trabalhar a relação entre **pensar, ensinar e aprender**, concedendo a vez de o estudante, por via da experiência do pensamento e da autonomia, descobrir o próprio caminho.

Por consequência, os alunos devem largar as mãos do mestre, depois de descobrir uma educação para a autonomia. O elo professor-aluno, no entanto, precisa continuar existindo, mas não há de ser aquele do ensino autoritário: eu mando e você obedece, eu ensino e você aprende, eu penso e você reproduz.

Dentro dessa lógica, percebemos que muitas estratégias didáticas não colaboram com a formação de um aluno autônomo, ou seja, de um sujeito que realiza o exercício do pensamento. Essa procura, muitas vezes, difere do que consideramos que seja melhor para o outro, pois o aluno tem que estabelecer o seu caminho de pesquisa. Savater, nessa direção, ressalta que o ensino de Filosofia encontra uma barreira para se propagar, pois esse ensino “Consiste mais numa atitude intelectual do que num conjunto bem estabelecido de conhecimentos” (2000, p.31).

Citamos, neste íterim, a última mensagem do escritor português José Saramago:

Acho que na sociedade actual nos falta filosofia. Filosofia como espaço, lugar, método de reflexão, que pode não ter um objectivo determinado, como a ciência, que avança para satisfazer objectivos. Falta-nos reflexão, pensar, precisamos do trabalho de pensar, e parece-me que, sem ideias, não vamos a parte nenhuma (2010, S/P).

Assim, consideramos que a observação do escritor supracitado nos ensina a pensar em um ensino que não seja instrumental, como também leciona que o pensamento não é um simples algoritmo, mera informação, mas algo que deve valorizar a beleza e saber refletir e problematizar o mundo, de modo a encontrar caminhos e sentidos para o ser humano.

Outrossim, ressaltamos, com substrato em Alejandro Cerletti, que o professor de Filosofia e o estudante desse saber devem levar em consideração a atitude de suspeita própria do momento de filosofar. Então, se deve ensinar, nessa perspectiva, problematizando e questionando aquilo que se exprime como óbvio. Por conseguinte, ensinar Filosofia não é apenas transferir o que os filósofos produziram, mas ensinar a filosofar.

Cerletti evidencia que o ensino de Filosofia não deve se limitar à estreme transmissão de saberes escolares, pois esse ensino é capaz de se transformar em ideologia

ENSINO DE FILOSOFIA E SUAS INTERFACES COM OS ATOS DE...

Pedro Rogério Sousa da Silva/Eduardo Ferreira Chagas

política. Por essa via, exprimimos que o Filósofo platino se aproxima de Paulo Freire, pois, para ambos os autores, o trabalho docente não foca na transmissão supracitada, mas numa educação que visa a formar personalidades humanas emancipadas e pensantes.

Para esses autores sul-americanos, os professores, de modo geral, já trazem prontas as respostas e os alunos estão totalmente acostumados a essa maneira de ensinar. Por outra via, o professor deve ensinar a perguntar, pois é mediante as indagações ou questionamentos filosóficos que se procura resposta e convida o aluno a pensar.

Assim, se formos aprender Filosofia, devemos aprender que “Não é apenas um conteúdo que é aprendido; não se trata apenas de uma diferença de objeto entre disciplinas; há um caminho específico no pensamento que se aprende a percorrer em cada caso” (Gallo; Guido; Kohan, 2013, p.103). Com suporte nisso, consideramos que não limitamos o ensino de Filosofia a um método de ensino geral, que, embora importante, não aborda a especificidade do aprendizado filosófico.

Deleuze, em 1991, publicou seu último livro, um trabalho de maturidade, em parceria com o psicanalista Félix Guattari, **O que é Filosofia? (Qu'est-ce que la philosophie?)**. Nessa obra, os autores ressaltam a especificidade da Filosofia e a diferencia em relação à arte e à ciência. A Filosofia produz conceitos, a arte opera por meio de afectos e perceptos, ao passo que a ciência opera com funções para exprimir o real e “Se apresentar como proposições nos sistemas discursivos” (Deleuze; Guattari, 1992, p.143). Com base no Filósofo francês, em seu livro **Conversações**, não devemos dizer, portanto, que o pensamento é exclusividade da senda filosófica e que os outros conhecimentos não produzem pensamento, pois tudo é aprendido e criação de pensamento.

A propósito, Deleuze nos fala, em seu livro **Diferença e repetição (Différence et répétition)**, que:

Aprender vem a ser tão-somente o intermediário entre não-saber e saber, a passagem viva de um ao outro. Pode-se dizer que aprender, afinal de contas, é uma tarefa infinita, mas esta não deixa de ser rejeitada para o lado das circunstâncias e da aquisição, posta para fora da essência supostamente simples do saber como inatismo, elemento a priori ou mesmo Ideia reguladora. E, finalmente, a aprendizagem está, antes de mais nada, do lado do rato no labirinto, ao passo que o filósofo fora da caverna considera somente o resultado - o saber - para dele extrair os princípios transcendentais (2006, p. 238).

ENSINO DE FILOSOFIA E SUAS INTERFACES COM OS ATOS DE...

Pedro Rogério Sousa da Silva/Eduardo Ferreira Chagas

Sob este ângulo, ressaltamos que o aprendizado respeita a sala de aula, mas não se esgota nela, pois se aproxima da experiência do pensamento e da Filosofia como um modo de vida. Esse aprendizado (**aprender**) também refuta a didática da receita, na qual um professor tem o passo a passo de como ensinar. Numa linguagem filosófica, esse ensino não significa um manual por cujo intermédio uma pessoa vai considerar uma ação boa ou ruim. Portanto, não há manual nem receita, mas um ensino ativo que está avaliando, constantemente, tanto a ação do sujeito quanto uma determinada teoria e que essa avaliação nunca está terminada.

Hoc modo, destacamos que há ressonâncias da Filosofia moderna nas teorias da aprendizagem, como também pontuamos que essas ressonâncias dizem muito de perto em relação ao trabalho do professor de Filosofia. Assim, evidenciamos que a Psicologia Comportamental é um exemplo de ressonância da posição empirista, na medida em que atribui à experiência e à observação dos dados a fonte de qualquer conhecimento. Na sequência, destacamos que a ressonância do racionalismo é encontrada na *Gestalt*. Essa abordagem centraliza o conhecimento no sujeito cognoscente, pois o ato de conhecer se dá por *insight*, mediante a organização imediata das modalidades mentais.

Assim, é válido apontar que o trabalho de Jean Piaget tem ressonância nas posições de Immanuel Kant, pois sua pesquisa procurou superar as perspectivas dicotômicas do empirismo e do racionalismo. Piaget afirma que o conhecimento não procede nem da experiência nem do inatismo, mas por construções sucessivas e rupturas. Sua pergunta de trabalho foi a seguinte: - *como o ser humano constrói conhecimento?*

Mencionamos, por oportuno o momento, a ressonância do materialismo dialético na pesquisa de Vygotsky e Leontiev. O primeiro autor considera que o contexto em que o aluno esteja inserido é importante, pois não se há de entender o estudante que estudou na década de 1940, por exemplo, do mesmo modo que compreendemos um aluno do século XXI, pois cada contexto tem peculiaridades e possibilidades. Portanto, é correto exprimir que o ser humano, para o pensamento vygotskyano, é historicamente datado. Com isso, temos que pensar o estudante em momentos históricos e com específicas condições de vida.

Já o psicólogo e filósofo russo assinala que o contexto social no qual o aluno está inserido é importantíssimo para o seu desenvolvimento. De semelhante modo, é lícito e certo expressar que a apropriação da cultura humaniza o ser humano e que ele necessita se educar

ENSINO DE FILOSOFIA E SUAS INTERFACES COM OS ATOS DE...

Pedro Rogério Sousa da Silva/Eduardo Ferreira Chagas

para se fazer plenamente humano. Quando o ato educativo, entretanto, não se realiza, seja por falta de verbas ou porque o ensino é instrumental, o sujeito humano se prejudica. Por conseguinte, temos a necessidade de democratizar os bens culturais, Filosofia, ciência, escola, literatura, teatro, cinema, música, para todos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1985.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Campinas: UNICAMP/IFCE, 2002.

A TARDE. **Última mensagem no blog de Saramago lamenta a falta de filosofia na sociedade** (2010). Disponível em:

<https://atarde.com.br/cultura/ultima-mensagem-no-blog-de-saramago-lamenta-a-falta-de-filosofia-na-sociedade-117950> Acesso em: 05 out.2024.

BARROS, Manoel de. **Matéria de poesia**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 28 set. 2024.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de Filosofia como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Conversações** Tradução: Peter Pal Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2007.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**: uma realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnesse, Paris. 1988-1989. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/0B347KgD-3KhNcGdBemhqS3N0b1U/view?resourcekey=0-MgJ6Y1BbtQuU88mqJyQ30A>. Acesso em: 06 out. 2024.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 14	n. 37	Maio – Agosto 2025	p. 313 - 322
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

ENSINO DE FILOSOFIA E SUAS INTERFACES COM OS ATOS DE...

Pedro Rogério Sousa da Silva/Eduardo Ferreira Chagas

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GALLO, Sílvio. **Ensino de Filosofia: teoria e prática**. Ijuí: Unijui, 2004.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de Filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papirus, 2012.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GALLO, Sílvio; GUIDO, Humberto; KOHAN, Walter Omar. **Princípios e possibilidades para uma metodologia filosófica do ensino de Filosofia: história, temas, problemas** (2013). Disponível em:

https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/401647/1/Filosofia%20e%20forma%C3%A7%C3%A3o_Vol_2.pdf

Acesso em: 05 out.2024.

HEIDEGGER, Martin. **Que é uma coisa?** Lisboa: Edições 70, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1959.

SAVATER, Fernando. **As perguntas da vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SAVATER, Fernando. **O meu dicionário filosófico**. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

RODRIGO, Lidia Maria. **Competências e habilidades na nova BNCC. Como fica a Filosofia?(2023)**. Disponível em:

<https://revistas.ufpi.br/index.php/cadernosNefi/article/view/14297/8622>

Acesso em: 29 set.2024.